

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.789

Terça-feira, 23 de Setembro de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

O proletariado deve opôr-se aos manejos vis das "fôrças vivas"

A supressão da gorgeta

O último movimento dos empregados de hotéis e restaurantes teve um alto significado moral: o de se insurgir contra o vexame da gorgeta. Necessário se torna que esse gesto se não perca e se continue a campanha contra esse deprimente hábito, que rebaixa a classe que o suporta.

Mas para isso é necessário também que o público, por seu lado, auxilie esse mesmo movimento recusando-se a dar gorgeta ao empregado que o serve, pela mesma razão que a não dá em qualquer estabelecimento ao caixa que lhe vende qualquer objecto. Desde que se suprima a gorgeta, os criados de café ou restaurante, os barbeiros e todos quantos têm um contacto com o público reclamam o salário dos patrões.

O que não faria sentido é que tendo essas classes a qualidade de assalariados e devendo exigir do patronato tudo quanto necessitam, ainda venham a continuar a receber gorgeta, a manter-se na mesma situação aviltante em que têm estado. O operário encarregado de qualquer serviço a prestar ao público deve ter a honrabilidade necessária para repelir como um insulto a gorgeta. Cada um dê-lhe a obrigação moral de convencer a pessoa que serve a não lhe dar gorgeta, pois que isso fere a sua dignidade.

Deste modo tornará simpática a sua causa ao próprio público que compreenderá perfeitamente as suas greves para aumento do salário e melhor lhes suportará as consequências.

Entretanto, que o público consumidor, sobretudo a classe operária, compra o seu dever, recusando-se sistematicamente a dar gorgetas. Por sua vez, os empregados, embora sozinhos, de momento, uma redução nas suas receitas, deve encerrar o facto como ele merece ser encarado e tratado com a mesma deferência o cliente que não dá gorgeta como o que a dá, pois essa recusa do público a dar gorgeta lhe servirá como argumento para reclamar dos patrões o aumento do salário. O que não faria sentido é que após o movimento que se produziu nada se tente de prático para abolir esse vexatório costume.

A GUERRA CIVIL

500 pessoas mortas em um combate

ROMA, 22.—Segundo notícias de Shanghai nos últimos combates travados perto de Sinaig houve mais de 500 mortos de ambas as partes.

Continuam os combates
ROMA, 22.—Continuam os combates sangrentos à volta de Shanghai. O general Chang-Tsolin anuncia o bombardeamento ao quartel geral inimigo.

Guerra de vida ou de morte
LONDRES, 22.—Uma comunicação de Pequim diz que o general Wu-Pei-Fu comandante em chefe das tropas governamentais confirmou a imprensa estrangeira a sua intenção de enviar 100.000 soldados para subjugar as forças do general Chang-Tsolin. Espera que a campanha durará dois meses contando com grandes reduções dos prejuízos e aos seus interesses.

Tratado de restabelecimento em Cantão, depois de submetido o general Chang.

De Mukder dizem que o general Chang declarou a guerra de vida ou de morte e sem mais medidas assegurando estrito respeito aos estrangeiros.

GRÁFICOS DESEMPREGADOS

Na sua respectiva sede reuniram ontem os compositores tipográficos para apreciar os resultados do rateio de trabalho nos jornais diários em auxílio dos gráficos desempregados.

Por um membro da comissão foram expostos à assembleia os trabalhos efectuados e lidos alguns documentos de quadros de jornais onde era inviável o rateio de trabalho, mas prestando a solidariedade monetária que a comissão lhes indicasse.

Depois de debatido o assunto a assembleia aprovou uma proposta, no sentido de se prestar auxílio monetário correspondente a meio dia de trabalho, diário a jornal, nas oficinas onde não se pudesse fazer a rotação de trabalho entre os desempregados.

A comissão reúne hoje, pelas 16 horas, em um assunto urgente.

CONTRA OS MANEJOS PATRONAIS!

A União dos Sindicatos Operários assume uma atitude desassombrada, convidando o proletariado a preparar-se para o combate

A ditadura das "fôrças vivas" seria uma ofensa para quem trabalha!

Em face da ameaça das "fôrças vivas" a União dos Sindicatos Operários de Lisboa aprovou na sua reunião de ontem o parecer que a seguir publicamos na íntegra:

Colhidos de surpresa pela insólita e hostil atitude da Confederação Patronal denunciada em A Batalha, não pode a U. S. O. deixar de vir tão rapidamente quanto a gravidade do assunto o requer, marcar a sua atitude e posição, com desassombro e altivez em face da afronta, do escárnio, da infâmia com que aquela fere e revolta a consciência proletária.

Os reacçãoários conservadores não satisfeitos em terem provocado o estado de miséria em que o povo se debate, servidos pela guerra e pelas mais criminosas falcatruas, pretendem defender esse património de incontestável roubo levando mais longe ainda a sua voracidade ladrava.

Não satisfeitos em manter um domínio económico que serve os seus mais obscuros interesses pessoais, sem o menor escrúpulo do que devem a colectividade, como agentes de troca e detentores de todo o poder do trabalho, pretendem aberta e ostensivamente o poder político de classe como se o não tivessem já indirectamente por meio de uma série correlativa de funções e poderes de que estão inteiramente dotados, simplesmente para manter o povo na mais desumana das servidões com o simulado pretexto de se defenderem das violências da classe operária.

A Organização Operária em Portugal nunca defendeu ou praticou violências que pudessem dar lugar a uma resistência ou ofensiva patronal por meio de uma organização de combate adequada. E se porventura tem havido qualquer violência, o que temos a honrabilidade de confessar, nunca se fez, todavia, a propaganda sistemática dum método que poderia deixar supor que a razão e o direito humano perdiam terreno em face da violência.

Apesar de considerarmos às vezes útil e necessária ao bem-estar colectivo a eliminação de qualquer indivíduo, sem que seja por espírito de vingança ou desejo homicida, sempre combatemos o atentado pessoal por uma questão de humanidade, por uma integridade de princípios que o muito amor pela vida e pela liberdade não permite

que manchemos, apesar da história dizer que a queda dos tiranos é sempre benéfica à liberdade dos povos.

Nunca a classe operária preconizou ou praticou qualquer violência organizada a não ser naqueles momentos solenes e graves para a República como o 5 de Outubro, o 14 de Maio ou o Monsanto em que a actividade patronal se manifestava dentro de casa de pijama e de pantufas, cobarde e indecisa, aguardando o vencedor para o felicitar hipócritamente.

Nunca a classe operária desejou o mal a alguém; e o mal que por ventura pareça que pode desejar a alguns é pelo muito bem que deseja a muitos.

Agora surge a dizer que é preciso defender o património que têm que legar intacto a seus filhos.

A casta imbecil e perniciosa dos conservadores desconhece que toda a riqueza se resume no trabalho e toda a vida num movimento contínuo de transformação inelutável. Desconhecem que o mais legítimo património social se resume no labor incessante de todos os trabalhadores, ainda os mais obscuros. Nessa prodigiosa mecânica do pensamento e do braço que faz do homem um criador e um reformador.

Desconhecem que não existiriam como classe, como privilegiados se não existissem outras tantas gerações de miseráveis escravos.

Apesar desse património que pretendem defender representar para nós a perpetuação da ociosidade. Apesar de combatermos fundamentalmente o princípio da propriedade, nós consideramos legítima, no critério conservador, toda a defesa dos seus haveres desde que fossem só eles os primeiros e os únicos a faz-la, desde que não alienassem gente do povo para os defender.

Não reza a nossa história que em qualquer emergência fe qualquer época os burgueses tivessem a audácia, a coragem e a nobreza de se postarem nas barricadas de armas na mão a defender a sua casta e os seus interesses. Não.

É a própria gente do povo uniformizada, organizada e disciplinada sob o princípio de uma hierarquia absurda e tirânica que defende os fundamentos do próprio Estado que os oprime na mais espantosa, na mais paradoxal inconsciência de auto-opressão e ataque. São milhares de operários que trocam a blusa pela farda, o escopro pelo sabre, porque a fome e a treva os obscurece, porque a miserável situação económica,

muita vez, a isso os impele sem que tenham a mais rudimentar noção do direito ao pão e à liberdade.

Pois bem: A classe operária que compreende muito bem a diabólica intenção dos reacçãoários será forçada a sair do seu tradicional passivismo a fim de se opor enérgicamente aos manejos dos conservadores.

Não obstante nunca ter defendido a violência e precisamente por isso, sente-se com autoridade moral para proclamar bem alto a público, sem necessidade de repetir secretamente, que se oporá por todos os meios ainda os mais excepcionais contra toda a acção da classe patronal que possa ser tida como agressiva.

E nessa conformidade resolve:

1.º—Que o operariado organizado de Lisboa se prepare imediatamente e decididamente organizando-se e usando de todos os meios possíveis contra a ofensiva reacçãoária.

2.º—Que a Confederação Geral do Trabalho dê o alarme a todo o proletariado do país de modo a fazer-lhe sentir a necessidade de se preparar nacionalmente com método e com energia, para o mesmo efeito.

Para o mesmo fim já também aprovada a moção seguinte:

«Considerando que o momento actual é perigoso para as classes operárias de todo o país, em vista de as chamadas "fôrças vivas", andarem preparando uma ditadura, apoiada nas espadas do "brioso exército", e à maneira de Mussolini e a de Rivera;

Considerando que se tal facto se consumar o proletariado terá muito que sofrer pois que será constantemente perseguido e em geral os seus militantes encarcerados e os seus sindicatos encerrados;

Considerando que ao povo trabalhador compete não consentir tal repugnante regime;

O conselho de delegados da U. S. O. reunido em sessão pública resolve o seguinte:

1.º Que a U. S. O. faça imediatamente sessões públicas contra tal ignóbil ditadura preparando assim o proletariado para o combate.

2.º Convidar vários militantes operários a usarem da palavra nas mesmas.

3.º Que A Batalha órgão dos trabalhadores não cesse com a campanha contra a mesma ditadura.

NA SUIÇA

O direito associativo dos funcionários foi reconhecido oficialmente

Pelo Conselho Federal foi apresentado ao parlamento um projecto de Estatutos dos Funcionários da Confederação Suíça. Esse documento começa por tratar das relações dos serviços e entre funcionários e empregados permanentes, define, o termo, fixa as condições de nomeação, direitos e deveres. Ao Conselho é dado fixar o horário do trabalho. É garantido aos funcionários o direito de associação dentro do limite da ordem pública. É interdito fazer parte duma associação cujo fim ou meios sejam perigosos para o Estado. São proibidas as associações que provoquem, favoreçam ou utilizem a greve.

No capítulo de "deveres" dos funcionários figura a defesa dos interesses da Confederação, a proibição de fazer greve, executar as ordens de serviço, a proibição de aceitar gratificações, o segredo profissional, o dever de depor em justiça. No capítulo de "penalizações" dos delitos dos funcionários são previstos por leis especiais.

Quanto a "direitos" do funcionário estabelece: vencimentos fixados em 26 classes percebendo os de 1.ª classe o máximo de 10.000 frs. ou o mínimo de 13.000 frs. ao ano, respectivamente ao máximo de 96.000 e 78.000 escudos: os funcionários da 26.ª classe ganham o máximo de 3.500 frs. e o mínimo de 2.500 frs. ou seja ao máximo 21.000 e 15.000 escudos. —Note-se que o Conselho pode conferir uma gratificação especial para assegurar a colaboração de pessoas competentes. Mais estabelece o direito ao subsídio para residência, subsídio para filhos menores até 18 anos, seguro social, férias e licenças e certificados de serviços. Quanto ao subsídio de residência varia por zonas, e é menor para os celibatários do que para os casados.

Ao funcionário está assegurada a sua situação económica na invalidade e na velhice por meio de caixas de seguros.

Desenvolvida notícia deste projecto de lei encontramos no n.º das informações Sociais, edição francesa.

N. R.—O governo suíço reconhecendo o direito à associação, não fez por generosidade e menos por justiça. Procurou apenas evitar que os funcionários se antecipassem e que dispensassem o grande favor de lhes darem uma associação que os proíba de defender os seus interesses.

LER AMANHÃ.

O desfalque dum milhão de libras

A COMPETENCIA DAS "FÔRÇAS VIVAS"

O QUE ELA É E O QUE VALE

UMA TRINDADE TERRIVEL: COMERCIO, INDUSTRIA E AGRICULTURA

As assembleias das "fôrças vivas" já concluíram a sua primeira série ou talvez a última que devia antecipar o famoso movimento dos estabelecimentos encerrados, enquanto pelos quartéis algumas espadas preparavam o concurso de muitas espingardas.

Não sabemos, no momento em que escrevemos, se estamos ou não a dois passos duma ditadura de competências, isto é duma ditadura que as "fôrças vivas" reclamam, que a Confederação Patronal planeia e muitos endinheirados subscrevem. Porém, dum pormenor estamos certos. É da pretensão das "fôrças vivas", há tanto balbuciada, mas desta vez nitidamente proclamada: substituírem-se aos políticos.

A manobra vem já de longe. Iniciou-se, com carácter colectivo, nesses famosos congressos económicos, em que muitos oradores passaram muitas horas e muitos dias demonstrando a incompetência dos políticos, tratando-os de burros e de ignorantes. A sabedoria e a inteligência que aos políticos faltava, nalguma parte haviam de estar... O problema estava, em saber onde elas se tinham anilhado?... Finalmente que o problema se resolvesse, finalmente. São as "fôrças vivas" que, depois de dizerem o pior que puderam, com muita economia de gramática, vieram dizer ao país, por meio dos extractos das suas reuniões, nos jornais de grande informação:

—«O país já sabe que os políticos são umas grandíssimas bestas e isso deixou-o desolado.»

Pois atire o país o seu coração ao largo.

Quere o país ser bem governado—governado por competências. Pois bem, nós que somos a sabedoria e a inteligência vamos governar com supina competência.

Há semanas que elas nos vêm apouquentando os ouvidos com este estribilho que parece eternizar-se: somos os competentes, somos os competentes.

Em segundo lugar, roubam os fregueses. Aumento injustificado de preços dos artigos, faltas de peso e toda a espécie de fraudes prejudiciais à saúde ou à economia. Ainda por cima, açambarcam os produtos. Em terceiro lugar roubam o Estado praticando toda a espécie de falsificações para se eximirem ao pagamento dos impostos e acabam sempre por burlar o Estado.

O comerciante só tem uma moral: o dinheiro; um só objectivo: o dinheiro; um só pensamento: o dinheiro.

E' uma competência? Decerto. A sua obra «competente» fala alto. Perguntem-no aos empregados explorados, aos fregueses

roubados e envenenados. Eles por certo dirão: os comerciantes, são uns ladrões!

Averiguo-se, pois, facilmente a competência dos comerciantes. Eles possuem a competência para roubar. Se constituíram governo, vamos ter, pela certa, um paraiso de preços reduzidos, uma autêntica pechincha...

As "fôrças vivas" na indústria —são colectivamente, um cavaleiro. Um cavaleiro da indústria. A produção na indústria —é o operário. As "fôrças vivas" —são o industrial.

O que faz o operário, incluído nele o técnico?

Tudo. O resto faz o industrial. Ele faz ele? Determina os salários dos operários e os operários vivem na fome e na miséria. Determina o custo dos artigos —os artigos tornam-se inacessíveis à população. Determina a qualidade dos artigos e nós temos pão que não alimenta, fósforos que não acendem, água que não existe, tecidos que se esfarrapam com pouco uso, calçado de papelão, prédios que abatem e matam os indivíduos, etc., etc. Seriam nunca acabar. Quanto à organização da indústria, à visão do país do industrial, isto está tam feito, que se afirma para aí, à boca cheia, que isto é um país sem indústria e ninguém protesta.

Para se avaliar da competência dos industriais basta abrir um inquérito entre os operários e os consumidores. Talvez mesmo não seja preciso abrir o inquérito: ele está feito para completa elucidação de todos.

Daqui se prevê que um governo de industriais deve ser uma maravilha.

As "fôrças vivas" na agricultura. Que falem os milhares de rurais esmoados e roubados, que fale o povo que não tem pão de trigo porque os agricultores... Não é preciso acrescentar mais uma palavra.

LUTANDO POR UM SALARIO!

Os empregados de hotéis, cafés e restaurantes mantêm firmemente a sua atitude reivindicadora

A U. S. O. TOMOU CONTA DO CONFLITO

O sr. Filipe Mendes, deve estar orgulhoso dos resultados que obteve com a sua insólita intromissão no conflito suscitado entre patrões e empregados de hotéis, cafés e restaurantes. Desde o começo deste movimento de justas reivindicações, o sr. governador civil mostrou-se inclinado a impedir que esta classe trabalhadora, conseguisse do público, a franca adesão que o próprio carácter das reclamações lhe assegurava. E assim, mandando efectuar prisões de militantes daquela associação de classe; proibindo a regular efectivação das assembleias convocadas e, sobretudo, não consentindo que os representantes da União dos Sindicatos Operários actuassem no seio dos grevistas, o sr. governador pretendeu sufocar os impetus de indignação e revolta que fizeram com que a classe em questão se lançasse em luta e que, mau grado todas as violências policiais, continua a manter-se, heroicamente, nessa digna atitude de combate à exploração torpe do seu trabalho.

De nada tem valido, portanto, a parcialidade das senhoras autoridades... nem os «truces» indignos de que a classe patronal tem lançado mão. Os grevistas confiam na sua organização sindical, na sua coesão e na unidade de vistas que preside a todos os seus actos. Sabe que todos os sortilégios e todas as manobras usadas contra si estão condenadas a esbarbar na solidão da sua organização de classe, feita precisamente para obstar a que as chamadas "fôrças vivas" consigam os seus maléficos fins, de opressão e de extorsão.

Hoje, feitos já 18 dias de greve, vê-se, com satisfação, que enquanto no seio do patronato reina a confusão e a desinteligência, domina a barafunda e o medo, há entre os grevistas o mesmo ânimo, a mesma disposição e o entendi-

mento perfeito dos primeiros dias de greve.

Essa diferença de situações é sintomática!...

Se alguns cafés e restaurantes conseguiram reiniciar os seus serviços, isso está sendo feito de tal modo, com tão graves prejuízos para os respectivos proprietários de cada estabelecimento, que a vitória das reclamações, feitas e mantidas de pé, até hoje, com serena intranquillidade, parece avizinhar-se, dia a dia, do seu desejado fim.

Quando dissémos, linhas acima, que o sr. Filipe Mendes tem consentido que os próprios donos dos estabelecimentos em greve mandassem, com a autoridade própria de qualquer... polícia, encarcerar ou libertar, a seu talento, os operários que se recusam a trabalhar sob condições que nem consultam os seus interesses económicos nem os seus foros de homens livres.

Foram presos, há cerca de 8 dias, 14 empregados de cafés, encontrados na Baixa e conduzidos para o posto do teatro Nacional.

Momentos depois, provando estar perfeitamente ao dar do que se passava, aparecer ali o sr. Carvalho, sócio gerente do «Chave de Ouro», que se dirigiu aos presos; tal como se estivesse em sua própria casa, nos seguintes termos, mal escondendo a prevenção dos gestos e das palavras que proferia:

—Então, como vieram vocês presos, rapazes?

—Sabemos lá! —teria respondido um dos 14 detidos. Nada fizemos que desse motivo a esta violência sem nome!

—Vossês querem ser postos em liberdade? —insistiu, cinicamente, aquele agente da confiança do sr. F. Mendes.

—Claro que sim!

—Eu os mandarei libertar, se me

prometem retomar amanhã nas casas onde trabalhavam os seus lugares.

Os rapazes, desejosos por respirarem o ar puro das ruas, disseram que sim; que retomariam o trabalho no dia seguinte. E o sr. Carvalho, «feliz da sua palavra», como ele mesmo dissera, mandou abrir de par em par as portas do calabouço.

—Vamos a saber agora: quanto nos pagam pelo trabalho para que tanto reclamam os nossos braços?... —inquiriu um dos presos, já em pleno Rossio.

O sr. Carvalho viu-se embaraçado para responder. Mal conseguiu, mesmo, de certo tomado inopinadamente por um vislumbre de vergonha, articular esta resposta amarela:

—Continuário a receber a tradicional gorgeta!...

Outro facto, que pôe, em evidência a parcialidade do sr. Filipe Mendes.

Quinta-feira da semana transacta foram presos, no largo do Rossio, três rapazes grevistas. Entre estes estava um de íntimas relações do sr. Carvalho, que, ao que se sabe, custeia a intromissão de elementos que se propõem subornar os empregados em luta.

—É preciso libertar o Martins... —disse, ao sr. Carvalho, o porteiro do «Chave de Ouro», que observou serem efectuadas as referidas prisões.

E o sr. Carvalho pariu, trazendo consigo, poucos instantes depois, o homem das suas relações caríssimas, o seu querido Ramon...

Os dois, antipáticos do sr. Carvalho, ficaram no calabouço 7, o famigerado, onde permaneceram ainda hoje, pagando pela nobreza e pelo despreendimento da sua atitude grevista.

As prisões efectuadas, até ontem não em número superior a 24. Entre os detidos figuram alguns de nacionalidade espanhola, contra quem o governado-

A U. S. O. do Porto

resolve dar combate á reacção católica e prestar solidariedade ao povo espanhol, vítima da reacção caserneira

PORTO, 19.—Reuniu a U. S. O. com a presença das seguintes organizações: Sindicatos Unificados Metalúrgico, Vestuário, Construção Civil, Mobiliária, Calçado, Couros e Peles, Liga das Artes Gráficas, Associação dos Litógrafos, Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar, Confeiteiros, Jardineiros, Manipuladores de Pão, Empregados no Comércio, Enfermeiros e Marítimos da Foz do Douro.

Estava também presente um delegado do pessoal menor do Município, mas sem credencial. Depois do delegado do vestuário manifestar a sua discordância em que aquele delegado tome assento no Conselho Federal, foi resolvido, por proposta do representante dos marítimos da Foz do Douro, que ele tomasse parte nos trabalhos, mas simplesmente com voto consultivo—licença porém, de na próxima sessão, trazer a respectiva credencial.

O expediente consistiu de dois ofícios: um da Comissão Organizadora do Sindicato Profissional das Indústrias Têxteis de Gaia, solicitando o envio de delegados da U. S. O. a uma reunião de propaganda para o levantamento moral e sindical da indústria referida—sendo nomeados os delegados dos metalúrgicos e do mobiliário; e o outro do Centro Socialista de Aguas Santas, comunicando que o delegado do governo autorizara a saída, no domingo e ao lugar de Pedrouços, duma procissão. Protestando contra tal deliberação, resolveu o ofício ao dito delegado do governo, bem como a toda a imprensa operária, por intermédio da U. S. O., convidando o povo republicano, liberal e livre-pensador a comparecer no supra-mencionado lugar e à hora da procissão, a fim de se efectuar um comício de protesto contra tal e afrontosa autorização.

O Conselho reconheceu que de facto, o desenvolvimento da propaganda jesuítica está assumindo proporções gigantescas. Dentro da própria cidade, embora nos seus pontos mais extremos, como, por exemplo, em Paranhos, tem-se verificado a exibição de fantoches clericalmente procionais. O capitalismo aproveita-se desta onda religiosa-reacionária para cimentar o armamento de arpanagem e de tirania. As autoridades republicanas não cumprem com o seu dever: a separação das Igrejas e do Estado foi esbarçada pela política reacionária; e o próprio partido democrático e seus interesses proselitistas colaboraram no bandejamento com os católicos.

Reconhecida toda esta evolução de caranguejo, toda esta traição a um passado de afirmações para se amarrar a consciência humana ao pelourinho da ignorância e da exploração—o Conselho reconheceu igualmente a necessidade de se agitar o proletariado revolucionário, no sentido de impedir, não só a cavallada de Pedrouços, mas todos os benéficos cortejos que tentem levar à prática...

A seguir tratou-se da solidariedade a prestar ao sacrificado povo espanhol. O delegado dos empregados no comércio, depois de algumas considerações, leu, em nome da comissão encarregada de elaborar um esquema de acção sobre o assunto, um parecer, cujas conclusões são as seguintes: acerca da forma como essa solidariedade deve, ou antes: poderá ser prestada:

1.º—Pelo auxílio moral, organizando uma campanha na imprensa diária por intermédio de notas officiosas, e interessando o povo português por meio do panfleto, manifesto e outros; 2.º—Pelo auxílio material, já solicitado, organizando listas que, distribuídas pelos sindicatos e pelas militantes da organização operária, se destinem a recolher os

civil pretendeu investir, num acesso de jacobinismo, mandando-os para a fronteira...

Não sabemos se ele mantém os mesmos propósitos de há poucos dias, quando fez afilar pelas paredes de todas as ruas da cidade o vergonhoso edital que estampamos na A Batalha de sábado passado. Por isso, e para prevenir as pessoas de família e amizade de cada um, damos a seguir a relação dos nomes que conseguimos obter dos presos que estão nos infectos calabouços do edifício da rua Capelo: São estes:

José Lago, José Torres, Isidro Fernandes, Sabino Rodrigues, Serafim Espinheira, Manuel Garrido, Aveiro Lopes Fernandes, Constantino Martins, Leonel Amaro, Xisto da Encarnação, Manuel Amado, José Maria Fernandes, Alvaro Lorenzano, Fernando Lourenzano, Rodrigo Cardoso, Manuel do Nascimento, Elias da Costa, Joaquim Gonçalves, Diogo Lopes e outros.

Os empregados que trabalham sob a jurisdição do sr. Coimbra, no "Café do Gelou", mostraram-se, ontem, inclinados a abandonar o trabalho, revoltados contra o ambiente em que se sentem isolados dos demais elementos da sua profissão.

Da Cervejaria Leão, onde trabalhava, desapareceu há alguns dias o refinado anarete Portela, bem conhecido pelas suas passadas trações, vindo-se a saber, ontem, que o cobardes se esvadiu, depois de apanhar, dos próprios companheiros de trabalho, uma formidável targa...

Empregados de Hotéis, Cafés e Restaurantes

NOTA OFFICIAL DA U. S. O. Tendo sido resolvido na última reunião do conselho que a U. S. O. tomasse conta do movimento grevista dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, a comissão para esse fim nomeada iniciou ontem as suas demarches.

Para esse efeito, oficiou à Associação dos Proprietários de Hotéis e Restaurantes, no sentido de que hoje houvesse uma conferência entre os delegados desta União e essa Associação.

Procurou depois o sr. ministro do in-

As feiras livres AS GREVES

A câmara municipal está disposta, contra os interesses dos munícipes, a acabar com elas

Recebemos a seguinte carta: "Sou informado de que vão acabar as chamadas «feiras livres», criadas há meses pelo comissariado dos abastecimentos, em vários locais, para a venda de hortaliças, frutas, etc.

Os referidos mercados tinham por fim levar os produtores a venderem os gêneros directamente ao público, dispensando-se assim os intermediários que, como se sabe, fazem passar os gêneros por umas poucas de mãos até que chegam ao consumidor por um preço exorbitante.

O objectivo das feiras livres não foi realizado devido ao retraimento dos horticultores em frequentarem os novos mercados, isto devido ao seu espírito rotineiro e comodista, preferindo continuar a favorecer o intermediário, dando-lhe margem a obter lucros que poderiam redundar em seu proveito, a dar a sua cooperação a uma iniciativa que beneficiaria os consumidores.

Como alguma utilidade houvesse para os moradores dos bairros servidos pelas «feiras livres», a continuação do seu funcionamento, muito embora a elas apenas tivessem concorrido pequenos fazendeiros e vendedores ambulantes, o Comissariado resolveu deixar funcionar os referidos mercados, dando liberdade a toda a gente de ali vender hortaliças etc. desde que os preços não fossem mais altos que os da Praça da Figueira e Ribeira Nova.

O público, a pesar de encontrar poucas vantagens na questão de preços, passou a afluír as «feiras livres» em vista de poupar tempo e o dinheiro dos eléctricos que seria forçado a gastar para vir aos mercados da Baixa.

A Câmara Municipal, que desde o início das «feiras livres» parece não ver com bons olhos os novos mercados, tomou a resolução de acabar com elas, esquecendo-se porém, que assim irá prejudicar um importante número de consumidores, especialmente aqueles que não têm criados a servi-los ou que em virtude dos seus fracos proventos não podem gastar dinheiro em eléctricos.

Os bairros de Campo de Ourique, Campolide e Graça têm ultimamente sido abastecidos pelos referidos mercados, sendo imensamente prejudicada a sua população, constituída na sua maioria pela classe trabalhadora, se alguém não se opuser ao propósito da Câmara Municipal. É uma pequena regalia que os habitantes daqueles bairros já usufruem e de que não devem ser esbaldados; e, a Câmara melhor andaria, se em vez de acabar com as «feiras» fizesse construir nesses bairros mercados em condições higiénicas que satisfizessem às necessidades instantes dos munícipes.

Informam-nos também de que aos vendedores que permanecem nas «feiras livres» vai ser exigido o pagamento da «licença de ferrado» o que até aqui lhes era dispensado.

Vemos nesta resolução da câmara o propósito obstinado de acabar com aquele pequeno benefício auferido pelos vendedores de ali irem vender os seus artigos, pois só uma pequena recita poderá obter com tal imposto, sendo para lastimar que uma câmara que nada tem feito em benefício da população, a prive de um pequeno melhoramento que não se deve à iniciativa de nenhum dos incitantes vendedores que se propuseram velar pelo bem-estar do povo alfanilha que teve a ingenuidade de os eleger.

Sabemos que o assunto está já a ser tratado pelo comissariado de abastecimentos, o qual não concorda com a deliberação da câmara, e também que a junta de paróquia de São Mamede e Arroios se vão ocupar do assunto.

Soldadores de Lagos

LAGOS, 21.—Continuam em greve os operários soldadores da fábrica de Santo Amaro.

Os grevistas esperançados na vitória mantêm com toda a firmeza a sua atitude de não retirar as ferramentas da administração do concelho, esperando que o industrial João Mendes as mande levar para a fábrica para que os operários retomem o trabalho com o aumento pedido.

Lastimamos a atitude parva que o sr. João Mendes tem tomado neste movimento.

Todos quantos ouvem os disparates do sr. Mendes são unânimes em dizer que este indivíduo está doído por completo. Admiram-no bastante que os seus sócios entreguem nas mãos deste maluco a gerência dum fábrica.

Estamos convencidos no entanto de que o sr. João Mendes andaria de outra forma se não fosse aguilhoado pelos seus encarregados que por ganharem uma infima gratificação abandonam por completo os operários com quem se davam para irrem servilizar-se junto do patrão, esquecendo assim um dos mais sagrados deveres: a solidariedade.

O encarregado Afonso Emídio não tem a consciência nem se lembra dos seus tempos de soldador. A atitude que ele agora tomou de soldar listas é tudo quanto há de mais ignominioso, pois que nunca fez este serviço em tempo algum e se o faz agora é simplesmente para se tornar agradável ao patrão.

O comitê da greve apela para que todos se mantenham firmes e unidos convencido de que a vitória que é certa, não pode tardar.

Um incidente lamentável

Manuel Maria, sindicalista na Associação dos Moços e Marinheiros da Mari-nha Mercante, e Vitor Fernandes, Manuel de Almeida Tavares, Fausto Martins e João Albino, sindicalistas na dos Fogueiros de Mar e Terra, vieram comunicar-nos o seguinte:

Com outros seus camaradas dispunham-se a assistir à assembleia magna convocada para autemano na Associação dos Pescadores, quando a delegação deste organismo, Alfredo de Oliveira Mendes, com modos arrogantes e expulso da sala, dando lugar a um comício que motivou a intervenção da polícia e que a tendo sérias consequências, em absoluta discordância com as normas sindicais, manifestaram-nos o seu veemente protesto que tornamos público, chamando para lamentável caso a atenção da Federação Marítima.

Refinadores de açúcar

Reúne esta classe para apreciar o conflito travado entre o pessoal da refinaria Ultramarina e sr. Costa, o qual já três vezes obriga o seu pessoal a abandonar o trabalho sem motivo justificado. Diz o referido senhor: que para experimentar o seu pessoal... Naturalmente não se encontra aquele sr. satisfeito com a atitude benevola da classe. É natural que queira que a classe tome uma atitude mais enérgica. Vamos a ver a que ponto aquele senhor quer obrigar a classe a chegar.

A Comissão.

Capitães dos vapores de pesca

NOTA OFFICIAL

Camaradas—E! com bastante regosio que o vosso «comitê» vos indica que o caminho que traçamos, votando a greve, tem sido lam bem orientado, e seguida essa orientação por todos, que a nossa vitória está quasi segura.

O escândalo infamante que os vendilhões das classes preparavam na sombra para vender o pão de centeiras de criaturas foi descoberto e alguns d'elles irradiados dos seus lugares de destaque dentro dessas mesmas classes, como já tendes conhecimento pelas notas deste «comitê». Apenas falta que os pescadores, trabalhadores como nós, chamem à responsabilidade, pelos factos sem nome, o seu delegado Alfredo de Oliveira Mendes, que não é uma criatura para estar à frente dum classe de homens que labutam pela vida, pois que, a sombra dessa mesma classe, já está incluído no número dos capitalistas.

Como está banido o que vos a princípio recastou, o vosso «comitê» mais uma vez vos recomenda que agardes com energia o momento em que por nós sabereis que a vitória foi nossa.

Viva a greve!
Viva a Federação Marítima!
Viva a Batalha!
Abaixa os vendilhões!

O comitê

NOTA DA COMISSÃO DE «DÉ-MARCHES»

Camaradas—A comissão participava que foi chamada pelos sr. armadores a uma reunião e quando esperávamos que o assunto ficasse solucionado, assim não sucedeu por razões várias, ficando marcada nova reunião: a ra hoje, na qual esperamos chegar ao acordo que desejamos.

A comissão de «demarches»

Fundidores da Fabrica Portugal

Mantem-se a gerência desta fábrica na disposição de não querer ceder às justas reclamações do seu pessoal, e, entretanto, para abalar o moral dos grevistas, que é firme, está admitindo trabalhadores inexperientes para a modelação das alfaias agrícolas, trabalho este que exige uma longa prática, sem a qual muito vai a prejudicar-se a produção, que se torna irregular e improveável.

Contudo, a gerência, quer perder alguns milhares de escudos, do que dar um pequeno aumento nos salários dos operários que têm longa prática!

Para a Mecânica ainda ninguém foi trabalhar, continuando o Sindicato a recomendar a todos os fundidores para que não vão trabalhar para a fábrica Portugal.

Ontem foram distribuídas aos grevistas as importâncias colhidas das questões abertas nas oficinas, faltando ainda receber algumas, o que depois se publicará em A Batalha.

Os grevistas, que continuam na disposição de não retomarem o trabalho enquanto a gerência não atender as suas reclamações, reúnem hoje, às 11 horas.

Soldadores de Lagos

LAGOS, 21.—Continuam em greve os operários soldadores da fábrica de Santo Amaro.

Os grevistas esperançados na vitória mantêm com toda a firmeza a sua atitude de não retirar as ferramentas da administração do concelho, esperando que o industrial João Mendes as mande levar para a fábrica para que os operários retomem o trabalho com o aumento pedido.

Lastimamos a atitude parva que o sr. João Mendes tem tomado neste movimento.

Todos quantos ouvem os disparates do sr. Mendes são unânimes em dizer que este indivíduo está doído por completo. Admiram-no bastante que os seus sócios entreguem nas mãos deste maluco a gerência dum fábrica.

Estamos convencidos no entanto de que o sr. João Mendes andaria de outra forma se não fosse aguilhoado pelos seus encarregados que por ganharem uma infima gratificação abandonam por completo os operários com quem se davam para irrem servilizar-se junto do patrão, esquecendo assim um dos mais sagrados deveres: a solidariedade.

O encarregado Afonso Emídio não tem a consciência nem se lembra dos seus tempos de soldador. A atitude que ele agora tomou de soldar listas é tudo quanto há de mais ignominioso, pois que nunca fez este serviço em tempo algum e se o faz agora é simplesmente para se tornar agradável ao patrão.

O comitê da greve apela para que todos se mantenham firmes e unidos convencido de que a vitória que é certa, não pode tardar.

Um incidente lamentável

Manuel Maria, sindicalista na Associação dos Moços e Marinheiros da Mari-nha Mercante, e Vitor Fernandes, Manuel de Almeida Tavares, Fausto Martins e João Albino, sindicalistas na dos Fogueiros de Mar e Terra, vieram comunicar-nos o seguinte:

Com outros seus camaradas dispunham-se a assistir à assembleia magna convocada para autemano na Associação dos Pescadores, quando a delegação deste organismo, Alfredo de Oliveira Mendes, com modos arrogantes e expulso da sala, dando lugar a um comício que motivou a intervenção da polícia e que a tendo sérias consequências, em absoluta discordância com as normas sindicais, manifestaram-nos o seu veemente protesto que tornamos público, chamando para lamentável caso a atenção da Federação Marítima.

Um incidente lamentável

Manuel Maria, sindicalista na Associação dos Moços e Marinheiros da Mari-nha Mercante, e Vitor Fernandes, Manuel de Almeida Tavares, Fausto Martins e João Albino, sindicalistas na dos Fogueiros de Mar e Terra, vieram comunicar-nos o seguinte:

Com outros seus camaradas dispunham-se a assistir à assembleia magna convocada para autemano na Associação dos Pescadores, quando a delegação deste organismo, Alfredo de Oliveira Mendes, com modos arrogantes e expulso da sala, dando lugar a um comício que motivou a intervenção da polícia e que a tendo sérias consequências, em absoluta discordância com as normas sindicais, manifestaram-nos o seu veemente protesto que tornamos público, chamando para lamentável caso a atenção da Federação Marítima.

Um incidente lamentável

Manuel Maria, sindicalista na Associação dos Moços e Marinheiros da Mari-nha Mercante, e Vitor Fernandes, Manuel de Almeida Tavares, Fausto Martins e João Albino, sindicalistas na dos Fogueiros de Mar e Terra, vieram comunicar-nos o seguinte:

TEATRO POLITEAMA

Empresa Luís Pereira

Telefone Norte 3028

A engraçadíssima comédia em 3 actos

O homem do papagaio

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, para as-
sunto do máximo interesse.

U. S. O.

Reúne ante-ontem o conselho de de-
legados para se ocupar da greve dos
empregados de hotéis e restaurantes,
com a presença dos seguintes organi-
smos: Encadernadores, Confeiteiros,
Barbeiros, C. Civil, Manufactores de
Calçado, Tráfego Porto de Lisboa, Mo-
biliários, Empregados do Município,
Descarregadores de Mar e Terra, Com-
positores, Tancioiros, Marinheiros e Mo-
ços, União Têxtil, Empregados Menores
Comércio e Indústria, Litógrafos, Con-
dutores de Carroças, Empregados de
Escritório, Metalúrgicos e Manipuladores
de Pão.

Aberta a sessão é apresentada a se-
guinte moção:

«A União dos Sindicatos Operários,
reconhecendo a forma heroica com se
têm mantido os Empregados de Hotéis,
Cafés e Restaurantes na sua greve, re-
solva, em face de estarem suspensas as
relações entre os proprietários e os gre-
vistas, tomar conta do movimento e en-
viduar todos os esforços para que essa
situação termine com vitórias para es-
tas.»

Depois de larga apreciação em que se
verificou que o governador civil nada
havia feito de útil para a solução do
conflito a não ser submeter as assem-
bleias dos grevistas à sua rigorosa fisca-
lização, e numa situação conca, pre-
tendendo mantê-los na mais absoluta
obediência às suas determinações, foi
resolvido, em atenção a que os grevistas
têm mantido uma atitude digna e ativa,
aprovar por unanimidade a moção
acima transcrita. Outrossim se resolveu
solicitar do Conselho Jurídico da
C. G. T. que prestasse aos grevistas
presos a necessária assistência jurídica.

Em seguida foi apreciado o perigo
do movimento reaccionário que os con-
servadores estão levando a efeito por
todo o país, sendo aprovado o parecer
que noutro lugar transcrevemos bem
como uma moção do delegado dos en-
cadernadores.

Por último foi nomeado delegado a
uma sessão nos Trabalhadores dos Ar-
mazéns de Vinhos, o camarada Rozen-
do José Viana, deliberando-se ainda,
sobre a greve dos Empregados de Ho-
téis e Restaurantes, que a comissão
administrativa se conserve em reunião
permanente.

CONVOCAÇÕES

Federação do Calçado, Couros e Peles.—Reúne hoje o Conselho Fe-
deral com a seguinte ordem de traba-
lhos: Apreciação do relatório dos dele-
gados que foram em propaganda à
Beira Baixa e nomeação do secretário
administrativo.

Federação Nacional da Construção Civil.—Para apreciar a redac-
ção dos novos números introduzidos no
regulamento geral dos sindicatos e suas
seções, reúne hoje novamente, pelas 21
horas, a comissão encarregada desse
trabalho.

Encadernadores e Anexos.—Reúne
hoje, às 20 e meia horas a direcção.
Fragateiros.—Reúne hoje, às 20
horas, a assembleia geral, para tratar de
assuntos de grande interesse para a
classe.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa.—Reúne amanhã em assem-
bleia geral, pelas 20 horas, para tratar
de vários assuntos de interesse para a
classe e apreciar a resposta do adminis-
trador sobre o aumento de salário.

Operários Alfaiates.—Por motivo
de força maior fica transferida para de-
pois de amanhã, a reunião habitual da
direcção, que hoje se devia efectuar.

Os que morrem

Beatriz Ramos de Albuquerque

Faleceu ontem Beatriz Ramos de Al-
buquerque, filha de Alfredo Nunes de
Albuquerque, realizando-se hoje o fune-
ral, pelas 10 e meia horas, que saí da
rua Saravia de Carvalho, 82, 2.º, para o
cemitério Ocidental.

Classes que reclamam

Operários do Município

Para tomarem conhecimento das «de-
marches» realizadas pró-aumento de
salário pela comissão de melhoramentos,
reúnem amanhã, pelas 20 e meia horas,
em assembleia magna, sendo necessário
a comparencia de todos, em virtude da
urgência e magnitude do assunto a tra-
tar.

CONFERÊNCIAS

Rússia soviética

Conforme anunciámos realiza hoje,
na Associação dos Caixaeros o secreta-
rio geral do Partido Comunista uma
conferência subordinada ao tema «Rús-
sia soviética». A Federação Comunal
do mesmo partido convida os seus fili-
ados e o povo em geral a assistir à re-
ferida conferência.

Os que morrem

Beatriz Ramos de Albuquerque

Faleceu ontem Beatriz Ramos de Al-
buquerque, filha de Alfredo Nunes de
Albuquerque, realizando-se hoje o fune-
ral, pelas 10 e meia horas, que saí da
rua Saravia de Carvalho, 82, 2.º, para o
cemitério Ocidental.

Classes que reclamam

Operários do Município

Para tomarem conhecimento das «de-
marches» realizadas pró-aumento de
salário pela comissão de melhoramentos,
reúnem amanhã, pelas 20 e meia horas,
em assembleia magna, sendo necessário
a comparencia de todos, em virtude da
urgência e magnitude do assunto a tra-
tar.

CONFERÊNCIAS

Rússia soviética

Conforme anunciámos realiza hoje,
na Associação dos Caixaeros o secreta-
rio geral do Partido Comunista uma
conferência subordinada ao tema «Rús-
sia soviética». A Federação Comunal
do mesmo partido convida os seus fili-
ados e o povo em geral a assistir à re-
ferida conferência.

Os que morrem

Beatriz Ramos de Albuquerque

Faleceu ontem Beatriz Ramos de Al-
buquerque, filha de Alfredo Nunes de
Albuquerque, realizando-se hoje o fune-
ral, pelas 10 e meia horas, que saí da
rua Saravia de Carvalho, 82, 2.º, para o
cemitério Ocidental.

Classes que reclamam

Operários do Município

Para tomarem conhecimento das «de-
marches» realizadas pró-aumento de
salário pela comissão de melhoramentos,
reúnem amanhã, pelas 20 e meia horas,
em assembleia magna, sendo necessário
a comparencia de todos, em virtude da
urgência e magnitude do assunto a tra-
tar.

CONFERÊNCIAS

Rússia soviética

Grande Passeio Fluvial

NO TEJO, COM PARAGEM NO PORTO BRANDÃO

EM FAVOR DE

A BATALHA

promovido pela

ASSOCIAÇÃO DOS CATRAEIROS

no Domingo, 28

PREÇO, 5\$00

Efectuam-se no Porto Brandão regatas à vela e

a remos, corrida de celhas, pau de cêbo, fute-
bol, water-polo, etc., etc.

Conta-se com a colaboração das bandas das Socie-
dades: Filarmónica Verdi e Incrível Almadsense.

Regista-se hoje a participação do Carcavelinhos
Futebol Club.

Um apelo aos Sindicatos

Foram enviados a varios Sindicatos operários bi-
lhetes para serem vendidos entre os seus filiados e
como não se dispõe de tempo que dê margem a uma
mais demorada passagem dos referidos bilhetes e ainda,
pelo mesmo, não permitir qualquer adiamento apela-se
para que HOJE SABADO procurem todos os camaradas
daqueles organismos fazer uma larga venda de bilhetes.

LOCAIS ONDE SE PODEM ADQUIRIR BILHETES:
na ADMINISTRAÇÃO DE «A BAT LHA», nas sucursais
da Chapela Social e na sede dos sindicatos operários.

As escolas primárias As brutalidades da policia superiores

Criaturas que, sem motivo, são espancadas, presas e por último... roubadas no tribunal de pequenos delictos!

Publicou-o O Sêculo de domingo. Um
operário seguiu pela rua onde aquele
jornal tem os seus escritórios, acompa-
nhado de sua mulher com quem ques-
tionava. A certa altura acercaram-lhe
dois policias à paizana, um dos quais
proferiu uma frase ofensiva para a di-
gnidade do operário, que, ignorando
tratar-se de autoridades, respondeu in-
dignamente. Tanto bastou para que
fosse agredido, reprimido-se a agressão
mais adiante, junto à rua do Arco a Ju-
sus, onde um dos agressores partiu a
bengala na cabeça da sua vítima, que
ainda foi presa e obrigada a esportular
10\$500 por deliberação do tribunal dos
pequenos delictos, a famigerada ratoeira
que funciona no governo civil.

Um dos policias era o Vianinha, já
celebrizado por identicas façanhas.

Outro caso:
Na quarta-feira passada, o bombeiro
municipal 267, João de Brito, e o con-
dutor auxiliar 374, Abílio dos Santos,
estando de folga, foram à paisana, di-
vertir-se para a feira do Parque Eduar-
do VII. A' volta sentaram-se num ban-
co da Avenida e adormeceram, sendo
bruscamente acordados por dois indivi-
duos que acto continuo os agrediram
à bofetada e os empurraram violenta-
mente. Vendo-se tam insistentemente
tratados, resolveram retroceder para
pedirem o auxilio dum civico que perto
estivesse de serviço, mas os agressores,
que eram guardas à paisana, não lhes
deram tempo para tal e, desta vez com
mais violência, espancaram-nos a sôco
e a cavalo marinho, ficando João de
Brito com o nariz e a face esquerda
feridos e o Abílio dos Santos com as
costas cheias de equimoses. Em seguida fo-
ram sob prisão para a esquadra da Ale-
greia, donde foi levado ao proximo po-
sto de socorros dos Voluntários da Ajuda
o João de Brito, a fim de receber cura-
tivo.

O enfermeiro de serviço esprobo a
um dos captores a proeza que pratica-
ram, obtendo como resposta que... «não
sabia que se tratava de bombeiros!»

O ferido observou então:
—«Mesmo que fôssemos simples civis
justificava-se a maneira como nos tra-
taram, tanto mais que motivo algum de-
mos para tal!»

A-pesar-disto as prisões foram man-
tidas e os captores, que são os guardas
n.º 492 1668, para coroar a sua cobra-
de faç

CRÓNICA DO PORTO

FESTAS DE ARROMBA

PORTO, 21. — Na ocasião presente para abrir todos os espíritos uma aparente felicidade...

Momentaneamente, ninguém cuida nas misérias da vida. A carestia, cada vez mais agravada, dos géneros de primeira necessidade, é problema que não se discute. A pavorosa crise de trabalho que vai asseverando, com cores bem negras, todas as classes trabalhadoras, é assunto que nestes dias não interessa a ninguém. A luta de classes, as rivalidades sociais, o doloroso desmembramento das classes humanas — tudo isto que constitui a grande desarmónia duma sociedade estúpida e relesmente organizada, está posto de parte, "pena" sendo que não houvesse motivos para assim licenciar-se perpetuamente...

O Porto, que mais uma vez não desmentiu a sua tradicional hospitalidade e a sua característica rambolesca — para a qual não há azar — está em festa, em festa real...

Povo inteiro permanente; marchas ferozmente luminosas; atrações luminosas no Palácio de Cristal com o indispensável conto do mercantilismo; sessões solenes a exaltar o engrandecimento do rei; embelezamento dos mastros dos edifícios públicos e particulares e ornamentação numa parte da rua de Santa Catarina, devido a serem custeadas pelo importante órgão "jornalista" — O Primeiro de Janeiro...

E a apoteose sob todos os pontos de vista justíssima, feita aos heróicos aviadores Brito Pais, Sarmiento Beires e Manuel Gouveia. E' a imponente con-

sagração ao arrojo e científico raid via Macau...

Apenas o tempo não se associou, completamente revestido de galas e perfeitas manifestações que foram promovidas aos ilustres visitantes...

Primeiro, deixou cair umas lágrimas pérolas — talvez chorando o facto da ciência não ser melhor posta em benefício da humanidade inteira; depois, por ocasião das boas vindas no Município — onde de véspera a polícia e a guarda republicana, a pé e a cavalo, intervieram contra o público que se assistia à sessão do Senado e se manifestava contra a tentativa de se suprimir o bilhete de contrato, para se favorecer a Carris — chorou mais copiosamente, talvez chorando mais nervosamente por tanta hipocrisia da parte de uns interesseiros e ridículos louvimeiros...

Contudo, esta circunstância... temporal, não obsteu a que a homenagem aos nossos hóspedes aviadores fosse duma grandiosidade emocionante...

A "grande" sessão de Campanha, a chegada de Brito Pais, Sarmiento Beires e Manuel Gouveia, estava apinhada de elemento oficial, clerical, ferroviário e particular; o largo, em frente à estação, colheu-se de povo.

Mas, devemos ser francos: não houve, por parte da massa popular, aquele aquecimento entusiástico, aquele vivo frenetico, aquelas aclamações atroantes que se verificaram a quando da vinda de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

A Câmara bem apelou, em grandes normandos, para as retumbantes exteriorizações do público. Mas fôse porque o tempo estivesse aborrecido, ou fôse porque a população esteja cada vez mais divorçada dos seus ilustres hóspedes — caso é que não se notou aquela espontaneidade das ovções delirantes, até às lágrimas, como da outra vez...

Muito povo, acotovelando-se, correndo por toda a parte — mas predominando, exclusivamente, apenas o movimento de curiosidade gentílica... Queriam ver de perto os aviadores, conhecer-se-lhes a fisionomia...

Porque os feitos da viagem seria a Macau tinham menor importância?

Porque Brito Pais, Sarmiento Beires e Manuel Gouveia tinham menos merecimento? Também não.

Os ilustres aviadores estão vindos numa simpatia popular. Mas é que o demasiado exibicionismo que se tem usado e abusado a propósito de tudo — diminuiu a sensibilidade entusiástica do nosso povo — a ponto de só ocorrer às manifestações como simples "mirões" e para gozar os festivos... das bandas de música, das marchas "aux-flambeaux", das luminárias, do foguetório bombástico ou estrepitoso...

Enfim, o Porto está em festa em honra dos gloriosos aviadores.

Neste momento, não se trata de coisas tristes... embora haja muita tristeza, a par de muita efusiva alegria...

Eis tudo...

C. V. S.

A primeira sessão de propaganda contra a guerra

PORTO, 21. — Promovida pelo partido socialista e por deliberação da Internacional de Londres, onde está aderente — elegeu-se, na Casa do Povo, pelas 11 horas da manhã de hoje, a primeira sessão contra a guerra da série que aquela facção partidária tenciona realizar por toda a semana.

Alberto Carneiro convidou para presidir à sessão Manuel José da Silva, secretário-geral da Silva Prata e Ludovico Augusto da Silva.

Foi lida uma comunicação do Centro Socialista de Espanha, nomeando seu representante Luis Soares.

Depois do presidente demonstrar o alto significado destas manifestações pró-paz, foi dada, em primeiro lugar, a palavra a Joaquim da Silva, o qual, com bastante conhecimento de causa, dissertou acerca da horrorosa carnificina da última guerra mundial, que tão tristes consequências trouxe ao proletariado escravizado.

A pesar — afirmou o orador — de estar constituída a famosa Liga das Nações, ainda não desapareceu o tremendo perigo de novas guerras. Antes pelo contrário: o terrível espectro da morte e do calvário levanta-se cada vez mais ameaçador e sangrento...

Terminou apelando para que, em face das futuras guerras que se desenham no horizonte das tragédias preparadas pelo capitalismo, todos os trabalhadores se preparem convenientemente a fim de resistir contra tais monstruosos flagelos.

Oliveira Pinto, aludindo ao acto que se está comemorando, demonstrou a necessidade de se cultivar no espírito, na consciência das crianças, o verdadeiro amor pela humanidade, infundindo-lhe todo o horror por essas canibais cenas de guerrismo devastador — como as desenvolvidas em 1914.

Luis Soares, o velho militante socialista diz não sentir qualquer desânimo.

pela pouca concorrência que se verificou. Contenta-se com o grande valor moral a que se destina a sessão de protesto e de propaganda — indispensável sendo que se efectivem mais sessões da natureza. Protestar contra a guerra, contra um semelhante flagelo dos povos, é o dever de todos os conscientes.

Os operários que cotidianamente estão no seu árduo labor dentro das fábricas, oficinas, "ateliers", etc., ganhando o sustento das suas famílias, não são os que pensam nas grandes catástrofes guerrais. Quem pensa nos conflitos armados das nações, arremessando povos irmãos uns contra os outros, são aqueles que à custa das guerras vivem, que à sua sombra traficam e enriquecem, aumentando a tenebrosa miséria de milhões de lares.

Evocando sentidamente a memória de Jaurès, o precursor da fraternidade universal, abordando indignadamente o cobarde assassinato de tão grande vulto socialista, garantiu que a última e massacradora conflagração apenas criou um número avulso de mutilados, deixando depois, os empreiteiros da guerra, ao abandono os seus filhos. Só a pátria universal, a que todos os povos oprimidos aspiram, é que por termo a todas estas atrocidades, improprias duma civilização humana e justa.

Augusto Martins apelou para que se realizem sessões idênticas em todas as partes onde seja possível, competindo aos corpos directivos esta especial atenção.

O presidente, antes de encerrar a sessão, fez algumas considerações pacifistas e lembrou para que o secretário de não se esqueça da passagem de 28 de setembro — aniversário da fundação, em Londres, da I Internacional.

Nesta reunião foram aprovadas duas moções do teor seguinte.

«Considerando: que as guerras são o maior flagelo da humanidade, e que a humanidade tem vivido, e vive, e viverá, com a guerra, e que a medida que a cultura mental tem aumentado, tem vez de se dissipar as ameaças de novas guerras, pelo contrário essas ameaças aumentam de intensidade;

que isto sucede em virtude da concorrência mercantil ou guerra dos mercados se agravar por motivo do regime capitalista, que já não se harmoniza com as condições sociais e humanas;

que a massa operária, os trabalhadores e seus filhos, têm em sua mão, desde que assim firmemente o queiram, não tornar possível mais nenhuma guerra; na reunião realizada na Casa do Povo Portuense, em 21 de setembro de 1924, resolve-se:

1.º — Solidariedade fraternalmente a Federação Sindical de Amsterdã e a Internacional O. de Londres, e as grandes organizações que, com elas, acionam contra os conflitos, contra o espírito guerreiro e pela pacificação permanente do mundo; e oferece o apoio e solidariedade incondicional dos socialistas do norte de Portugal para a realização de um grandioso fim.

2.º — O povo do Porto, reunido em sessão pública promovida pelo secretariado do norte do P. S. P., de acordo com as Internacionais de Londres e Amsterdã, para que o povo trabalhador mais uma vez, exuberantemente demonstre o seu espírito de verdadeiro pacifismo, lavra o seu mais veemente protesto ante a carnificina de Marrocos devido à atitude belicosa da Espanha.

3.º — Primeira moção foi apresentada o seguinte aditamento, igualmente aprovado:

«A assembleia presta a sua bem significativa homenagem à salutar memória de todas as vítimas da grande e flageladora guerra europeia.»

«O povo do Porto, reunido em sessão pública promovida pelo secretariado do norte do P. S. P., de acordo com as Internacionais de Londres e Amsterdã, para que o povo trabalhador mais uma vez, exuberantemente demonstre o seu espírito de verdadeiro pacifismo, lavra o seu mais veemente protesto ante a carnificina de Marrocos devido à atitude belicosa da Espanha.»

A primeira moção foi apresentada o seguinte aditamento, igualmente aprovado:

«A assembleia presta a sua bem significativa homenagem à salutar memória de todas as vítimas da grande e flageladora guerra europeia.»

«O povo do Porto, reunido em sessão pública promovida pelo secretariado do norte do P. S. P., de acordo com as Internacionais de Londres e Amsterdã, para que o povo trabalhador mais uma vez, exuberantemente demonstre o seu espírito de verdadeiro pacifismo, lavra o seu mais veemente protesto ante a carnificina de Marrocos devido à atitude belicosa da Espanha.»

A primeira moção foi apresentada o seguinte aditamento, igualmente aprovado:

«A assembleia presta a sua bem significativa homenagem à salutar memória de todas as vítimas da grande e flageladora guerra europeia.»

«O povo do Porto, reunido em sessão pública promovida pelo secretariado do norte do P. S. P., de acordo com as Internacionais de Londres e Amsterdã, para que o povo trabalhador mais uma vez, exuberantemente demonstre o seu espírito de verdadeiro pacifismo, lavra o seu mais veemente protesto ante a carnificina de Marrocos devido à atitude belicosa da Espanha.»

A primeira moção foi apresentada o seguinte aditamento, igualmente aprovado:

«A assembleia presta a sua bem significativa homenagem à salutar memória de todas as vítimas da grande e flageladora guerra europeia.»

«O povo do Porto, reunido em sessão pública promovida pelo secretariado do norte do P. S. P., de acordo com as Internacionais de Londres e Amsterdã, para que o povo trabalhador mais uma vez, exuberantemente demonstre o seu espírito de verdadeiro pacifismo, lavra o seu mais veemente protesto ante a carnificina de Marrocos devido à atitude belicosa da Espanha.»

A primeira moção foi apresentada o seguinte aditamento, igualmente aprovado:

«A assembleia presta a sua bem significativa homenagem à salutar memória de todas as vítimas da grande e flageladora guerra europeia.»

«O povo do Porto, reunido em sessão pública promovida pelo secretariado do norte do P. S. P., de acordo com as Internacionais de Londres e Amsterdã, para que o povo trabalhador mais uma vez, exuberantemente demonstre o seu espírito de verdadeiro pacifismo, lavra o seu mais veemente protesto ante a carnificina de Marrocos devido à atitude belicosa da Espanha.»

A primeira moção foi apresentada o seguinte aditamento, igualmente aprovado:

«A assembleia presta a sua bem significativa homenagem à salutar memória de todas as vítimas da grande e flageladora guerra europeia.»

«O povo do Porto, reunido em sessão pública promovida pelo secretariado do norte do P. S. P., de acordo com as Internacionais de Londres e Amsterdã, para que o povo trabalhador mais uma vez, exuberantemente demonstre o seu espírito de verdadeiro pacifismo, lavra o seu mais veemente protesto ante a carnificina de Marrocos devido à atitude belicosa da Espanha.»

A primeira moção foi apresentada o seguinte aditamento, igualmente aprovado:

Covilhã

Recordam-se alguns episódios da história do movimento operário local

COVILHÃ, 20. — Na nossa pequenina biblioteca temos um livro precioso que o acaso quiz que folheássemos há dias. Algumas das suas páginas são impressas a ouro e sangue e passaram a traduzir-se por ser oportuno:

«Estávamos a 14 de Abril do ano de 1923; e a miséria havia-nos obrigado a lançar numa luta heroica, que durou oito semanas, luta engrandecida pelos fortes laços da solidariedade e de que foi principal protagonista um industrial que, valendo-se do seu cargo de administrador do concelho, trabalhou quando pôde para fazer correr o sangue dos famintos pelas ruas da cidade.

Organizou-se para isso uma trindade sinistra: José Vicente Barata, o famigerado administrador; o chefe de polícia Garcia, e ainda um tenente da guarda republicana, de quem não sabemos o nome.

Eis as três personalidades que mais se evidenciaram nessa greve de oito semanas e que mais contribuíram para que ela se prolongasse tanto, não falando daqueles que, detrás da cortina, cobardemente e cinicamente, trabalhavam para o mesmo fim.

Mas foi Vicente Barata o maior responsável. Foi ele quem, valendo-se da autoridade de que estava investido, fez com que milhares de seres humanos fossem atirados para a miséria.

Há um quadro revoltante a registar nestas páginas e que em todas as pessoas de bem causou repugnância por esse homem odiado, incluindo próprios amigos.

Os sinos badalavam, alarmando a população em sinal de incêndio, e numa correria louca o povo aglomerava-se no local do costume, quando se deu destes casos, porque é do povo que saem os heróis do incêndio — os salvadores da vida humana, os que arrancam os seus semelhantes à tortura das chamas.

Mas, Vicente Barata, não quis perder a ocasião de, mais uma vez, mostrar quanto alberga de mau em sua alma e apoplético ordenou aos janizários que agredissem o povo indefeso e confiante.

«A guarda republicana não hesitou e não atendendo a razões de humanidade cumpriu a ordem de arrear!»

O interessante livro encerra a história deste episódio com os seguintes trechos:

«Um dia surgiu em que a hora da justiça se fará ouvir. E então por sobre todas as fronteiras ecoará o grito de rebelião do povo tiranizado que satisfazendo o seu ardente desejo de emancipação, num impulso formidável e incoercível, destrubará impiedosamente todos os tiranos e as instituições em que se enclausuram.»

Eis caros leitores, alguns trechos desta história admirável que acabamos de ler e de que, por mal dos nossos pecados, temos de fazer algumas referências.

Todos já conhecem, pelos trechos reproduzidos e pelas correspondências aqui publicadas a quando dessa greve, o que foi Vicente Barata como administrador do concelho. Este cavalheiro deixou o seu cargo quando António Maria da Silva deixou de ser governador e isso representou um pouco de alívio para os trabalhadores da Covilhã.

Ha tempos, vindo a esta cidade o ministro sr. Sá Cardoso, um grupo de honrados exploradores do povo, alguns comerciantes chefiados pelo sr. Joaquim Angelino, pediram-lhe para substituir o então delegado do governo pelo sr. Barata.

Chegando este caso ao nosso conhecimento, pela brilhante campanha de O Trabalho, ficamos estupefactos. Aquêle semáforo, órgão do operário do local, foi arbitrariamente apreendido por pedir explicações ao dr. José de Figueiredo então governador civil do distrito de Castelo Branco, que não respondeu talvez por receio de escandalizar a cidade que estava preparado...

A atitude dum jornal local, defendendo o sr. Barata, deixava-nos surpresos, até que conseguimos perceber-lhe as intenções maldosas.

Pois se o tal "pascual" é órgão oficioso da câmara e da Associação Industrial!

Mas, oh, ilustres leitores! Oh, patifaria das patifarias! O povo da Covilhã tem outra vez na administração do concelho o sr. Barata!!!

Estão satisfeitos os senhores comerciantes da nossa praça, especializando o Angelino Carvalho. Podem agora explorar mais à vontade o indefinido povo, porque têm quem lhes guarde as costas zelosamente...

Que pretende o sr. Barata fazer no cargo que lhe confiaram novamente? Virá curado dessa terrível «tiranite» de que sofria?

Não deve esquecer que as letras que enchem algumas páginas da história do movimento operário da Covilhã já mais se apagarão! Se vem disposto a exercer a mesma agressiva acção, a abusar do seu cargo de delegado do governo para fazer pior do que no ano passado pode estar certo de que não encontrará no mesmo posto, prontos a resistir com todas as forças à violência da sua autoridade. Somos os mesmos do ano passado, dispostos sempre a defender a dignidade e os direitos dos trabalhadores — C.

A BATALHA NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

VILA DO CONDE

As festas carmelitanas

VILA DO CONDE, 17. — As festas do Carmo, que alguns senhores, de colaboração com o povo inconsciente, vem alimentando com umas das mais belas manifestações progressivas da terra, emprestando-lhe toda a dedicação e todo o entusiasmo do seu estreito círculo patriótico e baírrista — o que contrasta bem com o atraso económico e social de Vila do Conde — realizaram-se nos dias 12, 13 e 14 do corrente e não nos dias 6, 7 e 8, como foram anunciadas, devido ao mau tempo, o qual, quase se prolongava até ao último dia de festa adiado, pois no dia 13 ainda choveu alguma coisa — o que provocara alguns protestos surdos, por parte dos religiosos, que vlam assim paga tam ingratamente a sua crença...

Nestas festas gastaram-se algumas dezenas de contos que davam bem para acudir a outras necessidades mais instantes.

Enquanto se gasta inutilmente tanto dinheiro, o hospital da terra debate-se na mais angustiada situação financeira, não aceitando os pobres doentes por falta de verbi!

Mas parece-nos estarmos já a ouvir os embolados patriotas e baírristas a berrear-nos: «é reclama para a nossa terra; é comércio; é patriotismo!»

A isto, respondemos-lhes assim: proporcionar aos ociosos e parasitas todas as comodidades e todos os confortos em detrimento do povo que trabalha e produz, também é reclama para a terra; assambarcar os géneros de primeira necessidade, a ponto de se deturparem, para provocar a alta de preços dos mesmos, também é comércio; destruir aldeias, vilas e cidades inteiras, por meio da guerra, e ceifar vidas humanas aos milhares, levando a fome, a miséria, o luto e a dor aos lares proletários, também é patriotismo!

Mas não somos nós quem defende tam absurdo, tão estúpido critério!

A luz eléctrica, provando evidentemente a incompetência dos dirigentes deste burgo, é o maior escárnio, feito pelos mesmos, ao povo vilcondense, porque, apesar de vir funcionando já há mais de dois anos, são mais as noites que têm passado às escuras do que as que têm passado iluminadas.

Os jardins públicos — como de resto toda a estética — estando votados ao mais completo abandono, são a vergonha de Vila do Conde.

A iniciativa da abertura da barra e das obras do rio Ave tem sido acolta pela maioria do povo desta terra, inclusive os patriotas, com o mais criminoso dos indiferentismos, dizendo-se que não há dinheiro para isso.

No regime capitalista não há dinheiro para nada que seja útil e necessário; mas em compensação há muito dinheiro para tudo que seja inútil e prejudicial!

Aí! como compreendemos bem! O sr. é preciso é dar festas ao povo para que ele se entretenha a ver as procissões e as «catarras do Niagara», a fim de não ter dinheiro para isso.

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE SETEMBRO

S.	6	13	20	27
D.	7	14	21	28
T.	8	15	22	29
Q.	9	16	23	30
S.	10	17	24	1
S.	11	18	25	2
S.	12	19	26	3
S.	13	20	27	4

HOJE O SOL	HOJE O SOL
Aparece às 6,25	Aparece às 6,25
Desaparece às 18,32	Desaparece às 18,32

FASES DA LUA	FASES DA LUA
Q. C. dia 6 às 5,45	Q. C. dia 6 às 5,45
L. C. dia 13 às 7,28	L. C. dia 13 às 7,28
Q. M. dia 21 às 3,38	Q. M. dia 21 às 3,38
L. M. dia 28 às 20,19	L. M. dia 28 às 20,19

MARÉS DE HOJE	MARÉS DE HOJE
Pramar às 10,40 e às 11,22	Pramar às 10,40 e às 11,22
Baixamar às 3,27 e às 4,10	Baixamar às 3,27 e às 4,10

ESPECTACULOS	ESPECTACULOS
S. LUIS — A's 21,15 — Montmartre.	S. LUIS — A's 21,15 — Montmartre.
POLITEAMA — A's 21 — O homem do Pa.	POLITEAMA — A's 21 — O homem do Pa.
APOLLO — A's 21 — O Combóio n.º 6.	APOLLO — A's 21 — O Combóio n.º 6.
EDEN TEATRO — A's 21,45 — Fruto Pro.	EDEN TEATRO — A's 21,45 — Fruto Pro.
MARIA VITORIA — A's 20,45 e às 22,05.	MARIA VITORIA — A's 20,45 e às 22,05.
REZ-VEZ.	REZ-VEZ.
CIRCO DE VARIEDADES (Feira do	CIRCO DE VARIEDADES (Feira do
Parque Eduardo VII — A's 21,45 e 23 — Com.	Parque Eduardo VII — A's 21,45 e 23 — Com.
Paulista Cardini.	Paulista Cardini.
GIL VICENTE — A's 21 — Dois Sargentes	GIL VICENTE — A's 21 — Dois Sargentes

OLIMPIA — A's 20,50 — Amategrais.	OLIMPIA — A's 20,50 — Amategrais.
SALAO FOZ — A's 11,50 e 20,50 — Vap.	SALAO FOZ — A's 11,50 e 20,50 — Vap.
CHADO TERRASSE — A's 14,30 e 20,50.	CHADO TERRASSE — A's 14,30 e 20,50.
CONDES (Avenida) — Amategrais.	CONDES (Avenida) — Amategrais.
CENTRAL (Avenida) — Amategrais.	CENTRAL (Avenida) — Amategrais.
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) —	CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) —
Amategrais.	Amategrais.
ALFA (Largo) — Amategrais.	ALFA (Largo) — Amategrais.
CINE ESPERANÇA — Amategrais.	CINE ESPERANÇA — Amategrais.
ROSSIO (Arco Bandeira) — Amategrais.	ROSSIO (Arco Bandeira) — Amategrais.
CHATEAU (Praça dos Restauradores)	CHATEAU (Praça dos Restauradores)
Fitas Indadas.	Fitas Indadas.
AVENIDA PARQUE — (Antigo Parque	AVENIDA PARQUE — (Antigo Parque
Mayer) — Recreios e diversas. Concede	Mayer) — Recreios e diversas. Concede
«Jazz-Bands».	«Jazz-Bands».
PROMOTORA (Largo do Calvário) — Am.	PROMOTORA (Largo do Calvário) — Am.
EDEN-CINEMA (Rua do Alívio) — Am.	EDEN-CINEMA (Rua do Alívio) — Am.
Teatro.	Teatro.

CAMBIO	CAMBIO
Países	Moedas
Moedas	Comp. Vendas

Países	Moedas	Comp.	Vendas
Almanha	Marcos	4225	—
Austria	Coroas	119,1	—
Belgica	Francos	119,1	1420
Espanha	Pestas	117,8	4000
E. U. A.	Dolares	117,8	10450
Francia	Francos	117,8	1650
Holanda	Florins	117,8	11800
Inglaterra	Libras	4650	125000
Italia	Liras	117,8	18500
Suécia	Francos	117,8	54800

PROMOTORA (Largo do Calvario)—Auto- matografos.	
EDEN-CINEMA (Rua do Alvito)—Auto- matografos.	
<hr/>	
CAMBIOS	

Fatos completos

Actualmente liquidação de saldos das estações anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

** Para conseguir cabeleiras assim **



Usae o Oleo de Mão de Vara

Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexíveis e evitando a caspa. 50 anos de vendeda asseguram os seus bons efeitos.

Frasco 2.200. Para a provincia 3.200

Perfumaria Mendonça

— 43, CALÇADA DO COMBRO, 47 LISBOA



JUNGHANS — RADIUM
UNICOS IMPORTADORES
COTRINS & AFONSO, L. DA
Lisboa — Rua da Prata, 173, 1.º

Despertadores, Relógios de parede e mesa, Carrilhões, Relógios de bordo e automóveis e de bolso.

António Fraga, S.º

Ouvires-Joalheiro

RUA DA PALMA, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e frequentes que continuo vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalheria, por preços com os quais ninguém pode competir, embora hajam quem se incomode por eu estar vendendo tão barato.

Pouco uma visita à minha casa. Confrontem a qualidade das minhas peças e os seus preços, e verão depois quem melhor e mais barato vende.

Tenho sempre artigos em 2.ª mão renovados com pouco custo.

Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a Rua da Palma.

Esmalte Inglês

SUPERIOR em 44 cores

QUALIDADE ESPECIAL PARA AUTOMOVEIS

DEPÓSITO:

Rua dos Douradores, 177, 1.º

IMPORTANTE

SEGURO MARITIMOS

«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes. Dirigir-se a



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital integralmente realizado, Esc. 600.000\$000 — Reservas, Esc. 743.051\$000,9

SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 3391 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Leiam «O Suplemento de A BATALHA»

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazéns Gerais

Concurso para a adjudicação da compra do alvalde de zinco em massa

ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 9 do próximo mês de Outubro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 6.000 quilos de alvalde de zinco em massa.

Para ser admitido a licitação deverá o concorrente mostrar que efectuem em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 950\$00.

Concurso para a adjudicação da compra de pedra de alvenaria e britada

ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 3 do próximo mês de Outubro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 400 m³ de pedra de alvenaria e 200 m³ de pedra britada para betão.

Para ser admitido a licitação deverá o concorrente mostrar que efectuem em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 150\$00.

As propostas devem ser lidas em papel selado ou com um selo de 1\$50 devidamente inutilizado.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá e reforçar o seu depósito provisório com a quantia necessária para fazerem 5 o/da importância total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um depósito definitivo, que ficará à ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermédio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral dos Depósitos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço dos Armazéns Gerais, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas. Lisboa, 12 de Setembro de 1924.

O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazéns Gerais, A. Feio Terenas.

A

grande caixa de calçado

só com o lucro de 10%

NA - SODATORIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . 30\$00

Sapatos em verniz . . . 35\$00

Botas pretas, (grande salto). . . 45\$50

Botas brancas, (salto). . . 28\$00

Grande salto de botas pretas: 58\$50

Botas de couro para homem. . . 46\$50

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Ver bem, pois só lá se encontra bom e barato.

A SOCIAL OPERARIA é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua n.º 69.

Pedras para isqueiros

A melhor marca do mercado

Redondas ou em prancha

Fornecidas aos quilos ou em envelopes com 100 ou em tubos de vidro

Pedidos ao importador:

J. V. Oliveira Júnior

Rua da Prata, 178, 1.º

ALIANÇA

A MELHOR MARCA DE

Bolacha Biscoito Chocolates Confeitarias Açucares Massas

SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA LISBOA-PORTO

Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrezs, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e emarmores de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

SISCOLIN

TINTA A AGUA EM PÓ INGLESA SEM RIVAL

DEPÓSITO:

Rua dos Douradores, 177, 1.º

Ao Povo!

Fabrico manual de calçado e polainas

ENCARREGA-SE de todos os trabalhos referentes à arte; preços convidativos, descontos aos revendedores. Félix Santana Marques — Rua Arco Marquês do Alentejo, 78, 1.º. Aceita-se sócio capitalista e conhecedor.

A's fábricas de calçado e armazens de cabedais

PESSOA séria, conhecedora do artigo e de boas referências, encarrega-se de vendas à comissão, tem escritório e armazem próprio, para calçado e cabedais. (Informações), Rua Arco Marquês do Alentejo, 78, 1.º. Aceita-se sócio capitalista e conhecedor.

Lenhas de sobro e azinho

SECAS, postas à porta do freguês a 22 centavos o quilo. Pinhas, cubos para carroças, mactos para calceteiros. Pedidos a António F. da Cruz, Largo do Conde Barão, 40. — Telef. C 1245.

PURGAÇÕES

= E =

PROSTATITES

Curam-se radicalmente na Farmácia Ultramarina — Rua de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes curam-se sempre.

Alfaiataria

CAMPOS, PALMA, L.ª

Fazendas nacionais e estrangeiras. Bom corte e esmerado acabamento pelos últimos figurinos.

FATOS A FEITO DESDE 180\$00

Rua do Registo Civil, 9 A

(AO INTENDENTE)

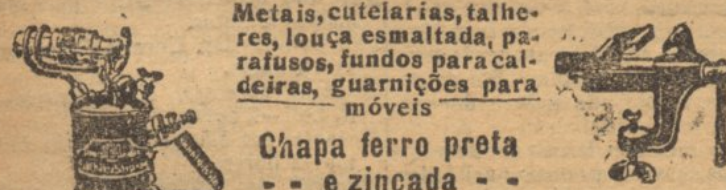
A AGENCIA ALMEIDA

Faz grandes descontos a quem for sócio ou confederado na C. G. T. ou assinante de A Batalha e suas filiais.

Funerais nos Hospitais, Morgue e particulares. Transferências-córdeas. Preço muito reduzido por possuir todos os utensílios. — Telef. 78-Benfica. — R. Alves Correia, 189 (Vulgo São José). — Empregado a qualquer hora da noite.

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS



Metais, cutelarias, talhados, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, guarnições para móveis

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferador, serras circulares e de fita, etc.

TELEFONE 3930, N.º 1 gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA

Childerico II, em 673; Thierry III, em 690; Clovis III, em 695; Childeberto III, em 711; Dagoberto II, em 715; Chilperico II, em 720; Thierry IV, em 736.

Depois da morte de Dagoberto I, começou o verdadeiro reinado dos oficiais do palácio, funções quase sempre hereditárias, entre outras, na família de Pepino d'Heristal, família de raça franca, descendente do bispo Arnulfo, cujos imensos domínios, devidos a sanguinolenta iniquidade da conquista, abraçavam uma grande parte do este da Gália. A maior parte dos reis, que descendiam de Clovis, esbulhados do exercício da realza pela ambição sempre em aumento dos oficiais do palácio, mostravam-se dignos da sua real linhagem pelos vícios e pelas precoces e vergonhosas devassidões. Não tendo de reis mais que o nome, foram chamados reis madraços. Salvo a Bretanha, sempre rebelde ao jugo dos francos, e da Borgonha, que se considerava segura pelo seu afastamento das regiões, que os francos da Austrásia e os francos da Neustria disputavam entre si por sanguinolentas batalhas, a Gália continuou a ficar entregue a todas as misérias da escravidão e a todos os desastres levados ao seu cúmulo em 719 pela primeira invasão dos árabes vindos da África por Espanha, sua primeira conquista.

Estes filhos de Mahomet, depois de se terem estabelecido no Languedoc, da Provença e no Russilhão, assolaram a Borgonha, avançaram até ao Loire, tomaram a cidade de Bourges, saquearam Tours, Blois e Poitiers, cidade perto da qual foram derrotados em 732 por Karl-Martel, oficial do palácio de Thierry IV e bastardo de Pepino d'Heristal. Apesar desta derrota, os árabes conservaram o Languedoc onde viviam como senhores havia mais de vinte anos.

Os primeiros acontecimentos desta nova legenda da nossa família passam-se no Languedoc, país querido das nossas recordações; o esposo de Siomara, dessa valerosa gauleza, avô de Margarida, mulher de Joel, não era acaso o chefe de uma das tribus originárias desta região, que foram a Ásia funda o império oriental das Galias?

Foi também no Languedoc, triste recordação! que nosso avô Sylvest, entregue aos animais ferozes no circo de Orange, escapou a uma morte quase certa para ouvir os gritos de sua irmã Siomara, a cortezá, expirando nas torturas à vista da patriciá Faustina.

Na ocasião da grande insurreição nacional de Vindex, o Languedoc, à voz dos seus druidas, sublevar-se de novo. Com esta formidável insurreição, este país ganhou ser regido pelas suas próprias leis, eleger os seus chefes e fazer respeitar o culto druidico, cujos inumeráveis monumentos estão ainda hoje de pé, pedras sagradas que desafiam os séculos!

Esta fértil provincia, debaixo do nome de Gália narboneza, engrandeceu de novo em prosperidade, em riqueza, e no tempo em que vivia a Grande Vitória, nenhuma região foi mais opulenta nem mais civilizada; por toda a parte se criavam escolas cuja fama se estendia até aos confins do mundo conhecido; os navios de comércio sulcavam o Mediterrâneo ou navegavam no Garona e no Reno; mas não tardou que os padres católicos não invadissem estas provincias, pregando a religião dos papas de Roma, com o fim de embrutecer os povos.

Na ocasião da invasão das hordas chegadas das florestas do norte, os francos de Clovis conquistaram o norte da Gália, os visigodos, outras tribus francas, conquistaram o meio-dia, e após devastações inúmeras, estabeleceram-se no Languedoc, no ano 460, debaixo do domínio do seu chefe Theodoriko. Os povos do meio-dia da Gália tinham até então professado o arianismo, seita dissidente, que aproximando-se muito do primitivo Evangelho, via com razão em Jesus, carpinteiro de Nazareth, não um Deus, mas um sábio!

Os bispos, depois de terem, conforme costumavam, cobardemente adulado e consagrado a conquista dos visigodos, a fim de partilharem com eles o poder e o despojo, chamaram em seu auxílio Clovis o ortodoxo, contra Theodoriko, rei desses visigodos, cujo crime era tolerar a heresia ariana.

Clovis, o filho querido da Igreja, acudiu ao cha-

mamento dos seus bons amigos bispos, e para alcançar o paraíso, assolou e saqueou as terras por onde passou, exterminando ou escravizando as populações acusadas de arianismo. Nesta horrível guerra, pregada pelos sacerdotes católicos, correram rios de sangue, amontoaram-se ruínas, e, em 508, Clovis, entrando em Tolosa, incendiou, assassina e regressa ao norte da Gália, levando consigo numerosos cativos. Depois da sua partida, os antigos visigodos disputam entre si aquela região, e as discórdias civis tornam a desmarnar-se. Em 561, é repartida entre os três filhos de Clotário I. Novas guerras, novos desastres. Em 613, o Langdoc fica debaixo do domínio de Clotário II, justiciero de Brunehaut e único rei de toda a Gália; mais tarde, em 630, o bom rei Dagoberto cede a seu irmão Chariberto uma parte do Languedoc, a Aquitânia e a Septimânia (assim chamada por causa das sete cidades principais daquela provincia).

Não tarda em morrer Chariberto; seu filho é assassinado no berço por ordem de Dagoberto. Mais tarde, este rei cede a Aquitânia a título de ducado hereditário aos dois irmãos de Chariberto; o seu descendente Eudes, duque da Aquitânia, sublevar-se então contra os reis francos do norte, já governados pelos oficiais do palácio; cruéis guerras intestinas devastam ainda este país até à invasão e conquista dos árabes em 719, que expulsam ou subjagam os visigodos; os gauleses, enfiados pela Igreja, afrontam o domínio árabe como em outro tempo afrontaram o domínio dos visigodos, ganhando mais com esta troca, porque os conquistadores do meio-dia, fieis à religião de Mahomet, eram pelo menos, apesar do seu ardor guerreiro, mais civilizados do que os conquistadores do norte.

Um grande número destes gauleses, homens livres, colonos, libertos ou escravos, tinham do mesmo modo, não só por ódio à Igreja católica como para viver em paz com os seus novos dominadores, abraçado a religião de Mahomet, religião que, pelo mego, exaltando o sentimento de nacionalidade nos seus

crentes e não concedendo o seu paraíso em troca de atrozes sofrimentos ou de cobarde resignação à conquista do estrangeiro, prometia aos escolhidos um paraíso povoado de encantadoras huris. «O crente virtuoso (dizia o Alcorão, evangelho dos mahometanos) deve ser introduzido nas deliciosas moradas do Eden, jardins encantados onde correm rios caudalosos com margens assombradas. Ali o crente, ataviado com braceletes de ouro, trajando vestes verdes tecidas de seda, radiante de glória, descansará no leito nupcial, prémio afortunado da morada de delicias.»

Por isso, grande número de gauleses do meio-dia, preferindo as niveas huris prometidas pelo alcorão, aos serafins bochechados do paraíso dos católicos, abraçaram com ardor o mahometismo. As mesquitas levantavam-se no Langdoc ao lado das basílicas; os árabes, mais tolerantes do que os bispos, permitiam aos católicos que permanecessem fieis ao seu culto exercendo-o em paz.

O mahometismo, fundado por Mahomet no século passado (em 608 pouco mais ou menos), proclamava além disto a divindade das sagradas Escrituras, reconhecia Moisés e os profetas judeus como escolhidos do Senhor; mas não reconhecia Jesus como filho de Deus. «O vos que recebestes as escrituras, não excedais os limites da fé; não digais de Deus senão a verdade: Jesus é filho de Maria, o enviado do Altíssimo, mas não seu filho. Não digais que há em Deus uma Trindade, éle é único. Jesus não se humilhará de ser o servo de Deus: os anjos que rodeiam o trono de Deus obedecem a Deus!» Tais são as palavras do Alcorão; elas parecerão talvez curiosas à descendência dos filhos de Joel. E' esta a razão porque Amel as cita aqui.

A cidade de Narbona, capital do Languedoc, debaixo domínio árabe, tinha, em 137, um aspecto todo oriental, tanto pela pureza do céu e ardor do sol, como pelo vestuário e costumes de um grande número dos seus habitantes; os olivendos, os carvalheiros verdejantes, as palmeiras faziam lembrar a vegetação